

Alley

MANIFESTO PELO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DE SANTA MARIA

Os Açores são um dos poucos territórios no mundo ocidental onde é possível ver as estrelas em todo o seu esplendor, conviver com um mundo natural praticamente inalterado e fazer parte de uma sociedade que se orgulha das suas tradições, mantendo-as a todo o custo.

Santa Maria, dentro deste contexto, ainda acentua mais estas características. É única na sua biodiversidade e tem uma história que releva a feliz adaptação do homem ao meio. Nos seus mais de oito milhões de anos de vida, amplia a efemeridade da sua convivência com o homem. Foi mais generosa do que austera e se futuro há na permanência do homem nesta ilha, é porque a sua generosidade pode continuar a ser explorada.

O recente mapeamento dos geossítios de Santa Maria prova a sua importância no contexto do Geoparque Açores, temos metade dos geossítios de São Miguel e número idêntico ao das restantes ilhas. Prova, acima de tudo, a potencialidade de um desenvolvimento sustentável e este deve ser defendido como garantia do futuro. Para tirarmos partido das potencialidades geoturísticas de Santa Maria e estas são tudo quanto a ilha já era quando aqui chegou o homem, acrescido daquilo que o homem adicionou com valor cultural, temos de investir, seriamente, numa estratégia de promoção, de salvaguarda e de manutenção de tudo quanto confirma a nossa peculiaridade.

Neste contexto, o investimento no Golfe como potenciador económico é um sinal que revela uma nítida negligência do que é precioso nos Açores e uma irresponsável gestão de fundos públicos. Diríamos que é uma corrente paralela que hipoteca gravemente o desenvolvimento dos Açores como destino turístico singular.

Ser contra um Campo de Golfe em Santa Maria não é ser contra o desenvolvimento da ilha. É ser a favor de um desenvolvimento alternativo. Sustentável. O golfe, por muitas e variadas razões, não é uma actividade que se concilie com desenvolvimento sustentável e é preocupante que haja um clube de amigos de defesa do património e da natureza que defenda o contrário.

Está inscrito na lei que um projecto desta natureza deve sujeitar-se a uma avaliação de impacto ambiental e feita esta avaliação a mesma deve ser facultada para análise e participação pública, normalmente de associações acreditadas na defesa da natureza, como a Quercus ou a Liga Portuguesa da Natureza. Mesmo que o projecto se inspire num certo tipo de turismo de natureza, está claro, na análise de viabilidade económica, que a única actividade explorada pelo empreendimento é o golfe, sendo o resto totalmente secundarizado, o que vai contra normas da da OPL (One Planet Living) e WWF (World Wildlife Found). Apesar de a avaliação de impacto ambiental não ter sido ainda apresentada, podemos adiantar já que um pressuposto maior não foi respeitado: havendo localizações alternativas, foi seleccionada a menos adequada, uma vez que é do conhecimento público que os 93 hectares da área em causa, são solos férteis e se inscrevem numa zona com alta taxa de transmissividade hidrológica (numa ilha que tem as mais baixas taxas do arquipélago), qualidade fundamental para a gestão dos aquíferos subterrâneos. Aliás, o problema da água é aqui um ponto de extrema importância, como exporemos no parágrafo seguinte.

O consumo de água de um campo de golfe pode ser exposto de diversas formas: através de uma comparação - porque tem um consumo equivalente ao de uma vila de 12.000 habitantes - ou através de números concretos - foi calculado que no Algarve por cada buraco de golfe haja um consumo anual de cerca de 18.922 m³. São números realmente impressionantes. São factos e não heresias. Em Santa Maria, como na maioria

do planeta, o futuro não garante a preciosidade deste elemento no seu estado potável. Em Santa Maria, enquanto não houver um plano de gestão efectivo dos recursos hídricos, a água é um problema. Não importa chover a cântaros se a ilha não tem condições de reter essa água. Não importa dizer que o projecto prevê autonomia nesta questão se não se garante que o resto da ilha seja autónoma na sua quota e não faltam antecedentes de problemas no abastecimento de água. Em Santa Maria há apenas uma emergência mediana de água de nascente de apenas 18.19 m³ por dia ao contrário do Faial que tem 133,66 m³ por dia, só para dar um exemplo.

Ser contra um Campo de Golfe em Santa Maria não é ser contra o desenvolvimento da ilha. É ser contra uma exploração errada da natureza. É certo e sabido que a manutenção de um campo de golfe acarreta graves prejuízos para o meio ambiente. Isto é irrefutável. Contrapor que a agricultura também o faz é, igualmente, irrefutável, todavia, a agricultura alimenta as pessoas e cria riqueza a muitos níveis. Estes prejuízos, só para expor alguns, verificam-se no uso de nitratos que, na forma de óxido nítrico, contribuem em 3 a 5% para o buraco da camada do ozono (estudo do Nobel da Química P. Crutzen em 1995), poluindo, de igual forma, as águas subterrâneas. Os tratamentos fitossanitários são altamente agressivos, pois implicam uma constante aplicação de pesticidas, herbicidas e fungicidas, uma vez que um relvado perfeito, sendo agradável de apreciar, não se consegue sem estes custos. Um campo de golfe é uma monocultura intensiva de relva. Uma actividade agrícola de qualidade deve ser, por excelência, extensiva e diversificada e é sempre possível optar por não usar fertilizantes químicos ou fitossanitários ou mesmo por uma agricultura biológica.

Ser contra um Campo de Golfe em Santa Maria não é ser contra o desenvolvimento da ilha. É propor uma forma alternativa de criar riqueza. Um Geoparque é a prova irrefutável que há recursos inesgotáveis para potenciar o desenvolvimento de uma sociedade. Explorar os geossítios marienses é uma das vias de apostar num desenvolvimento sustentável, envolvendo as pessoas e a sua herança cultural com o meio ambiente. Mas esta exploração não deve ser feita sem uma estratégia que envolva os agentes públicos e os parceiros privados.

Mesmo que metade do investimento previsto para o Campo de Golfe de Santa Maria provenha de fundos comunitários, há outro tanto que, emanado dos cofres públicos, poderia ser usado na potenciação das nossas riquezas naturais, na salvaguarda da nossa memória colectiva (povoamento, aeroporto, por exemplo) e na recuperação de estruturas com valor patrimonial inegável. Isto é ser contra o desenvolvimento de Santa Maria? Ou os turistas que cá vêm à procura deste património não precisam de estadia, de alimentação ou de transporte? Será que é só o praticante de golfe que precisa de ter onde dormir, do que comer e de transporte para passear? E que dizer de onze técnicos de turismo rural e ambiental que podiam ter emprego na sua área se toda esta potencialidade fosse posta a funcionar? É utopia? Ou é um ponto de partida para uma estratégia?

Ser contra um Campo de Golfe em Santa Maria não é ser contra o desenvolvimento da ilha. É envolver as pessoas na discussão do futuro, preparando-o, precisamente, para as gerações vindouras. É ter coragem de dizer que o desenvolvimento desta ilha não se faz a qualquer preço e que há investimentos errados, inoportunos e irresponsáveis. Infelizmente só o tempo nos pode dar razão.

Daniel Gonçalves, primeiro signatário da PETIÇÃO CONTRA A CONSTRUÇÃO DO CAMPO DE GOLFE

Daniel Gonçalves

ABAIXO-ASSINADO

Excelentíssimo Presidente do Governo Regional dos Açores,

Excelentíssimo Presidente da Assembleia Legislativa Regional dos Açores,

Os abaixo-assinados, marienses e outros cidadãos, nomeadamente turistas, sensibilizados pelo impacto negativo da construção do Campo de Golfe de Santa Maria projectado para a freguesia de Almagreira, solicitam a Vossas Excelências, a tomada de medidas que visem o cancelamento imediato desse projecto.

Fazem-no pelos seguintes motivos:

- ✓ há provas evidentes e suficientes que o Golfe não é um investimento rentável nos Açores;
- ✓ investir no Golfe não garante o sucesso de políticas de turismo sustentável atacando o estatuto que as Ilhas dos Açores alcançaram como destino turístico, precisamente por causa dessas políticas;
- ✓ O Campo de Golfe de Santa Maria é um projecto que contraria as medidas de contenção do investimento público, estando orçamentado em quinze milhões de euros, sendo que dois terços desse valor se esgotam apenas na aquisição de terrenos e devidas indemnizações o que, por si só, vai inflacionar drasticamente o valor dos prédios rústicos em toda a ilha;
- ✓ A Sociedade Ilhas de Valor SA, responsável pelo projecto do Campo de Golfe de Santa Maria, não apresentou um Estudo de Impacto Ambiental, exigido, por lei, para projectos de golfe com dezoito buracos;
- ✓ O projecto do Campo de Golfe de Santa Maria, retirando o contexto paisagístico de inegável valor, é um atentado ambiental a um conjunto de terrenos com os solos mais férteis da Ilha de Santa Maria, conhecidos, em tempos, pela produção de cereais, recurso que será destruído de forma irreversível;
- ✓ Não há um estudo que garanta que o Campo de Golfe se auto-sustente em termos de necessidade de água e numa ilha onde ela escasseia, isso representa um perigo latente;
- ✓ A Sociedade Ilhas de Valor SA pode canalizar o investimento do projecto do Campo de Golfe para outras áreas fomentando o desenvolvimento sustentável da Ilha de Santa Maria.